

# EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Ana Raquel de Oliveira França (PPGE/UFPB)  
a.raquelf@uol.com.br

Diane Ferraz Lopes da Rocha  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Braz Pereira (Sobrado/PB)  
dianeferrazlopes@yahoo.com.br

Prof. Dr. Pierre Normando Gomes-da-Silva (PPGE/UFPB)  
pierre normandogomesdasilva@gmail.com

## RESUMO

Um dos grandes desafios na Educação é o de desenvolver uma educação que leve em conta os sentidos. Infelizmente, a pedagogia que orienta a maior parte das práticas educacionais tem como fundamento a matriz racionalista, em que concebe o ser humano como ser pensante, marcado pelo modo lógico-matemático de se relacionar com o mundo e com os seus semelhantes. Este ensaio tem o objetivo de identificar, na história da educação brasileira, vivências e estratégias que foram feitas na perspectiva de uma pedagogia que levasse em consideração a corporeidade. Para confirmar nossa hipótese, iniciamos uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, consultando obras importantes sobre o assunto que nos levassem a aprofundar o tema, tais como: Couto (1998), Buisson (1987), Fernandes (1964), Kuhlmann Jr. (2005) e Shelbauer (2006). Recorremos a autores brasileiros e estrangeiros, que nos permitiram refletir sobre a influência indígena, africana e europeia nas grandes mudanças da educação brasileira. Concluímos que, apesar de as propostas pedagógicas de matriz racionalista terem se conservado ao longo da história da educação brasileira, é possível identificar vivências indígenas, com as aprendizagens orais e integradas à natureza; afro-brasileiras, com associações à música, à religiosidade e à culinária, e pensadores europeus e norte-americanos, valorizando o sensível e a relação com a natureza, como Rousseau e Dewey, por exemplo, legados a serem valorizados.

Palavras-chave: Educação Infantil, educação dos sentidos, corporeidade, educação brasileira.

## ABSTRACT

One of the greatest challenges in education is to develop an education that takes account of the senses. Unfortunately, the pedagogy that drives most of the educational practices is based on the rational matrix, which conceives the human being as a thinking being, marked by a logical-mathematical way of relating to the world and with his fellows. This essay aims to identify, in the history of Brazilian education, experiences and strategies that were made in the perspective of a pedagogy that considers the corporeity. To confirm our hypothesis, we initiated a literature research, qualitative, consulting major works on the subject that could lead us to deeper the issue, such as: Couto (1998), Buisson (1987), Fernandes (1964), Kuhlmann Jr. (2005), Shelbauer (2006). We resort to both Brazilian and foreign authors, which allowed us to reflect on the indigenous, African and European influences in the major changes of Brazilian education. We conclude that, although the pedagogical proposals of the rationalist matrix have been preserved throughout the history of Brazilian education, it is possible to identify

indigenous experiences with the oral and integrated with nature learning; African-Brazilian, with associations to music, religion and culinary, and even European and North American thinkers valuing the sensitive and the relationship with nature, like Rousseau and Dewey; legated to be valued.

Keywords: Early Childhood Education, education of the senses, corporeality, Brazilian education.

## INTRODUÇÃO

Iniciamos o Século XXI ainda com grandes desafios na área da Educação. Um deles é o de desenvolver uma educação que leve em conta os sentidos. Infelizmente, a pedagogia que orienta a maior parte das práticas educacionais tem como fundamento a matriz racionalista, em que se concebe o ser humano como um ser pensante, marcado pelo modo lógico-matemático de se relacionar com o mundo e com os seus semelhantes (ANTÔNIO, 2009; MORAES, 2003). A questão que orienta esta investigação pode ser formulada da seguinte maneira: Existiram propostas educacionais que se distanciaram do modelo pedagógico racionalista?

Este ensaio tem o objetivo de identificar, na história da educação brasileira, vivências e estratégias que foram feitas na perspectiva de uma pedagogia que levasse em consideração a corporeidade, entendida como a configuração do corpo em movimento em relação à existência, e o uso dos cinco sentidos, seja em situações da vida diária ou no ensino formal.

A partir do modelo cartesiano, as questões relativas ao corpo humano são importantes no tocante à formação física, mas não constituem assunto de grande relevância quando se busca formar o ser humano em sua essência, ou seja, sua razão, seu pensamento. As propostas educacionais que propuseram pôr em destaque a corporeidade acabaram sendo postas à margem dos processos da aprendizagem formal.

Apesar do grande número de teóricos, nas últimas décadas, afirmarem o quanto é importante uma educação que considere o ser humano integralmente,<sup>1</sup> as práticas educativas ainda têm o modelo do conhecimento lógico-matemático e linguístico como tradição hegemônica. Essa postura educativa pode estar presente em todas as modalidades da Educação e persiste quando saímos para o mercado de trabalho,

---

<sup>1</sup> No rol desses teóricos, encontram-se: Gardner (1994), Morin (1999), Moraes (2003), Gomes-da-Silva (2012), Antônio (2009) e Torrado (2002).

gerando oportunidades dos melhores empregos para quem, cada vez mais, consegue um bom desempenho no pensamento lógico-matemático e linguístico.

A educação, como afirma Moraes (2003), deve proporcionar a inteireza, que ajude a estabelecer uma aliança entre o racional e o natural: religar a sensação à intuição, e o sentimento, ao pensamento. Os cinco sentidos - visão, tato, audição, olfato e paladar - articulados com o sistema motor, constituem fontes de informação e ricas possibilidades de interação com o mundo.

É a partir desse contexto que concebemos a pesquisa que ora se apresenta, pois acreditamos que é importante desenvolver várias situações de aprendizagem, iniciando com a Educação Infantil, que possibilitem experimentações perceptivo-cognitivas com os cinco sentidos. Nossa investigação tem como base a Teoria da Pedagogia da Corporeidade. O objetivo de uma pedagogia voltada para a corporeidade é de “criar práticas pedagógicas que possibilitem situações de movimento para diferentes públicos e contextos, tomando a experiência corporal como a instância básica para o conhecimento de si e do mundo, na perspectiva da comunicação, da integração e do transbordamento na educação” (GOMES-DA-SILVA, 2012).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa que estamos desenvolvendo no Mestrado em Educação da UFPB objetiva analisar as repercussões do Programa *Sensorialidade para Crianças* (GEPEC-CCS/UFPB), no processo de ensino-aprendizagem das crianças da Educação Infantil, na ação pedagógica dos profissionais envolvidos (educadores e gestores) das instituições atendidas e na formação dos estudantes e dos pesquisadores integrantes do Programa. A proposta tem uma perspectiva autopoietica, em condições de oferecer ao aprendiz a ampliação de sua capacidade de ação e reflexão no mundo em que vive, “de modo a contribuir para a sua conversação e transformação de maneira responsável, em coerência com a comunidade e o entorno natural a que pertence” (MATURANA; NISIS, 2003, p. 18).

Para confirmar nossa hipótese, iniciamos uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, consultando obras importantes sobre o assunto que nos levassem a aprofundar o tema, tais como: Couto (1998), Buisson (1987), Fernandes (1964), Kuhlmann Jr. (2005) e Shelbauer (2006). Recorremos a autores brasileiros e estrangeiros, que são citados ao

longo deste texto, os quais nos permitiram refletir sobre a influência indígena, africana e europeia nas grandes mudanças da educação brasileira.

Reverendo o percurso da história da educação brasileira, podemos verificar tentativas de buscar saídas que indiquem caminhos para uma educação que interaja com o racional e a capacidade perceptiva, religando a sensação à intuição, o sentimento ao pensamento. Acreditamos que a educação indígena pode servir como um contraponto para esses modelos, indicando-nos, talvez, possibilidades de superação. É o que trataremos no próximo tópico.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

No Século XVI, chegando às terras brasileiras, os portugueses encontraram uma civilização que utilizava o próprio corpo como aparato tecnológico. A partir de uma educação baseada na oralidade, o ameríndio que habitava o Brasil conseguia, por meio de uma cultura não letrada, sobreviver com o conhecimento que percorria gerações e demonstrava claramente a integração do corpo com o ambiente em que viviam.

Fernandes (1964), em seu artigo intitulado “A educação numa sociedade tribal”, relatou, com muita originalidade, essa perspectiva em relação ao corpo:

No nível de sua tecnologia, os principais elementos da cultura dos Tupinambás eram o corpo humano e as invenções que possibilitavam a exploração estratégica de suas imensas potencialidades adaptativas. O que o homem pode fazer com seu corpo, com as energias que ele possui, quando ele é posto em serviço de seu grupo e de forma organizada? (p.186)

Chamam-nos a atenção as práticas integradas à natureza e o conhecimento que se perpetuava a partir de uma cultura oral. Podemos dar como exemplo o conhecimento do que comiam e bebiam, a sabedoria de nunca comer e beber simultaneamente, de fazer silêncio durante as refeições, de pensar coletivamente sobre a distribuição de alimentos<sup>2</sup>, de reconhecer os sons diversos vindos da natureza, de ler o mundo por meio do tato, de conhecer os cheiros da fauna e da flora e de ver as possibilidades de aproveitar materiais da natureza por meio de atividades. Assim, garantiram a sobrevivência durante séculos.

Essa forma de existir se deu não só em relação à luta travada com os invasores como também entre os povos indígenas que habitavam os brasis, cada um com sua história, língua e cultura. Couto (1998, p.80) nos ajuda a pensar sobre isso, quando diz:

---

<sup>2</sup> Aproveitavam o sabor dos contrários (COUTO, 1998).

A *recolecção*<sup>3</sup> constituía uma das mais importantes atividades desenvolvidas pelas populações da mata tropical, uma vez que lhes proporcionavam uma importante parcela dos componentes de sua dieta alimentar, quer em vegetais, quer em animais e respectivos produtos, além de fornecer matérias-primas para as mais variadas finalidades.

Nessa atividade, todos os sentidos estavam sendo usados e conectados, e o experimentar o mundo passa por meio dos sentidos. Era garantia de vida para um tempo de tantas adversidades. Pode-se comparar a atividade de reciclagem com a atividade de *recolecção*, provavelmente, influência da nossa matriz indígena. A relação com mundo estabelecida pelos ameríndios foi passada de forma milenar, e o mundo civilizado faz com que percamos experiências fundamentais adquiridas ao longo de séculos. Torrado (2002) confirma essa ideia:

Vemos (olhamos) cada vez mais. Mas atingiu-se assim uma forma desesperante de ver, que não consegue já a qualidade interpretativa, dedutiva, que caracterizava a visão dos primitivos ou caracterizará ainda a meditativa capacidade de ver de um índio amazônico (TORRADO, 2002, p. 19).

Na história do Brasil, continuamos renegando as experiências corporais trazidas pelos índios e pelos negros. A capoeira, as danças típicas, as religiões e o dialeto das tribos africanas foram renegados. Ao longo da história de escravidão no Brasil, muitas vezes, os sentidos eram vitais para o caminho da fuga, e na ausência de uma cultura letrada, liam as rotas através das estrelas e dos indícios por terra. Os sentidos eram utilizados como um meio para uma tão sonhada “liberdade”.

Infelizmente, não percebemos como isso ocorre nem conseguimos calcular a ação da poluição no nosso olfato, na audição e no paladar com a indústria alimentar massificando os sabores. Segundo Garcia (2010), atualmente, devido ao desenvolvimento tecnológico, longas horas diante de aparelhos como televisores e computadores e à inconstância das relações, vem sendo gerada uma desconexão perceptiva, uma cisão entre o contato e o corpo, estruturas que fogem do contato direto através de um trânsito constante.

É possível verificar a influência europeia na educação brasileira com base em autores como Locke (1632-1704), Rousseau (1712- 1778), Pestalozzi (1744-1827) e Fröbel (1782).

---

<sup>3</sup> Na cultura indígena, a *recolecção* consistia em recolher, do ambiente em que viviam, tudo o que pudesse ser utilizado para benefício da comunidade indígena: penas, frutas, galhos, folhas, pedras etc. (COUTO, 1998).

Kuhlmann Jr. (2005), no texto intitulado “A educação infantil no Século XIX”, revela o surgimento das salas de asilo, precursoras das creches e da escola primária que surgiram na França, seguindo as tradições do Iluminismo e da Revolução Francesa. A infância começa, nesse tempo, a ser minimamente tratada com preocupações educacionais.

Não podemos esquecer que, na história da educação brasileira, sofremos com a pedagogia do medo, tão combatida pelo empirista inglês, Locke (1632-1704), desde o Século XVII, o qual não era o único a fazer críticas ao “sadismo pedagógico” na educação, combatia a violência física e propagava a ideia de que era preciso haver “uma sintonia entre a educação do corpo e a educação da mente” (VEIGA, 2007, p. 29).

No final do Século XVII e início do Século XVIII, Rousseau trouxe reflexões sobre a infância e propagou a ideia de que, para crescer forte e saudável, era preciso usar os recursos naturais (físicos e intelectuais) de que todos nós dispomos.

Tudo que entra no conhecimento humano entra pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão perceptiva, ela é que serve de base à razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. Substituir tudo isso por livros não é ensinar-nos a raciocinar, é ensinar-nos a nos servirmos da razão de outrem (ROUSSEAU, 1968, p. 78).

Pensadores como Locke e Rousseau nos ajudam a identificar a presença de experiências educacionais, ainda embrionárias, de uma pedagogia que leve em consideração a corporeidade. Com a revolução industrial, que se processara entre o final do Século XVIII e meados do Século XIX (SAVIANI, 2007), houve uma mudança de estratégia de ensino que, para a época, era bem avançada. As escolas passaram a contar com novos instrumentos didáticos destinados ao ensino das crianças. Um desses instrumentos mais significativos foi o livro didático ‘*Lição de coisas*’, publicado no Brasil em 1886, com a tradução de Rui Barbosa.

A partir desse material, foi divulgado o método intuitivo, cuja proposta era de valorizar os conhecimentos que surgiam através dos sentidos e da observação. Além de apresentar as coisas para os/as alunos/as, era preciso “provocar para ver, tocar, distinguir, medir, comparar, nomear, enfim, conhecê-las” (SCHELBAUER, 2006). Os professores dispunham de um material concreto para desenvolver suas aulas.

Vemos, mais uma vez, a existência de práticas pedagógicas, considerando a corporeidade com valorização dos sentidos. Esse projeto educacional demarca uma mudança paradigmática na educação brasileira. De acordo com a concepção de Buisson (1841-1932), dever-se-iam “ensinar as crianças, antes de tudo, a observar as coisas, depois, nomear, enfim, e as comparar” (BUISSON, 1987, p. 11).

É importante considerar que esse método inovava e trazia concepções de ensino muito avançadas para a segunda metade do Século XIX. Apesar de muito se falar em mudanças metodológicas, ainda encontramos escolas que não acompanharam os avanços que marcam mudanças de paradigmas, como o da *‘Lição das coisas’*. Esse método, de certa forma, induz a um saber indiciário, baseado na intuição e, conseqüentemente, no uso dos sentidos como estratégia de aprendizagem. Assim, cabe um “olhar” cuidadoso para esse momento histórico, em que a escola começava a se desprender da ideia de que a aprendizagem é passiva e a aderir à perspectiva de conceber o/a aluno/a com uma postura ativa diante do objeto de conhecimento.

Na transição do Século XIX para o Século XX, o método intuitivo impulsionou a necessidade de se diversificarem os materiais didáticos (SOUZA, 2007). Os materiais e os artefatos destinados à educação invadiram o sistema público de ensino, e os sentidos da visão e da audição predominavam nesse período. O cinema voltado para temas ligados à educação foi introduzido no Brasil na década de 1930. Não podemos nos esquecer da importância da influência da Educação e da Psicologia norte-americana para ampliar horizontes. As ideias de Dewey, já presentes no *Manifesto dos Pioneiros*, em 1932, foram trazidas por Anísio Teixeira. Esse documento foi um marco na busca por uma renovação cultural na educação brasileira e foi escrito em um período conturbado da história do Brasil, no governo de Getúlio Vargas. Essa renovação propunha uma organização da escola que passava a ser laica, obrigatória e gratuita.

Essa dimensão mais individualizante de ensino e aprendizagem é contemplada na Pedagogia da Corporeidade, cujo fundamento é a atenção que se deve dar ao ritmo das crianças, oferecendo estratégias de ensino que despertem não só a capacidade de pensar, mas também de agir e de sentir. Olhando a história da educação brasileira, embora pareça que estejamos engatinhando diante de tantas urgências e dilemas encontrados na educação do Século XXI, podemos afirmar que estamos no caminho para mudanças de posturas didáticas e de paradigmas educacionais.

Hoje, influenciadas pela teoria da complexidade, as ciências humanas e sociais vivenciam uma nova mudança de paradigma tão profunda quanto as do Século XVI e do XVII. Nesse sentido, Morin (1999) propõe que tenhamos capacidade de pensar a partir da complexidade, de forma enredada, considerando as redes que se formam (que se tecem juntas). É preciso substituir o pensamento que separa por um pensamento que integra e mudar de uma lógica linear clássica para uma dialógica, em que seja possível conceber pensamentos antagônicos por meio do diálogo que supere a esquizofrenia no universo científico.

Nesse sentido, corpo e mente devem estar integrados no processo de ensino-aprendizagem. Isso será possível quando a educação priorizar a corporeidade, utilizar os sentidos e reconhecer as inteligências múltiplas (GARDNER, 1994). Temos que ficar atentos/as a esse novo modelo de educação e aos desafios, para que possamos mudar esse novo diálogo na relação pedagógica.

### **Conclusão**

Este estudo buscou identificar, na história da educação brasileira, experiências educacionais que levassem em consideração a corporeidade, numa perspectiva de conceber o ser humano de forma integral e em relação com o ambiente em que vive. Constatamos que, apesar de as propostas pedagógicas de matriz racionalista terem se conservado ao longo da história da educação brasileira, é possível identificar vivências que apontam alternativas educacionais. Nesse sentido, as vivências indígenas, com as aprendizagens orais e integradas à natureza, mostram-nos que a educação da corporeidade é um caminho viável e fomentador de uma humanidade mais ecológica.

A cultura afro-brasileira desenvolveu um modo de existir em que o movimento do corpo se revelava humano, associada à música, à religiosidade e à culinária. Tudo isso constitui conteúdos da educação brasileira que, infelizmente, foram pouco aproveitados nos projetos formais de educação. Até os pensadores europeus, como Rousseau, por exemplo, já indicavam possibilidades de se superar o modelo racionalista na educação, valorizando o sensível e a relação com a natureza.

A proposta pedagógica desenvolvida por meio do livro didático '*Lição de coisas*' também nos possibilita identificar outra possibilidade de incorporar os sentidos na fazer pedagógico. O mesmo ocorreu com a chegada da pedagogia deweyana ao

Brasil, por meio de Anísio Teixeira, em que se valoriza a experiência nos processos de ensino-aprendizagem.

Este estudo chama a atenção para a importância que devemos dar à história da educação brasileira e às aprendizagens que essa história pode nos oferecer. Não se trata de negar ou desprezar as novas tecnologias e as possibilidades de inovação presentes na educação dos tempos atuais, porém não podemos perder de vista o legado que os nossos antepassados nos ensinaram por meio da cultura indígena e da afro-brasileira.

Hoje, algumas dessas aprendizagens estão sendo resgatadas através de grandes lutas sociais e de leis federais, como a Lei 10.639/03 e a 11.645/08, que propõem o estudo da história da África e dos africanos e a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil. Todavia, a Pedagogia deve estar atenta a essas experiências do passado, pois existe um modo de educar que não pode ser repassado apenas por meio dessas propostas educativas vinculadas às leis e à obrigatoriedade. É preciso que os/as educadores/as se debrucem sobre a história da educação brasileira com um olhar atento ao que perdemos e ganhamos durante esse percurso. É preciso que possamos garantir uma educação que promova uma reflexão com o olhar da complexidade, desde os primeiros anos de escolarização.

Buscar a interseção que una a educação desses povos (índios, negros e europeus) para que se consiga contribuir para uma educação tipicamente brasileira é um desafio no Século XXI. É preciso levar em consideração uma educação que legitime a configuração de nossa etnia, a identidade de gênero, a diversidade sexual e a situação de vulnerabilidade social da nossa população. Assim, poderemos estar mais perto de uma educação que desenvolva competências humanas básicas, que promova a solidariedade, o pensamento ecológico e seja capaz de pensar sobre o sujeito cognoscente de uma maneira integral desde os primeiros anos de escolarização.

### **Referências**

ANTÔNIO, Severino. **Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento: diálogos com Prigogine, Morin e outras vozes**. São Paulo: Paulus, 2009.

BUISSON, Ferdinand. **Conférence sur l'enseignement intuitif. In: Conférences pédagogiques faites aux instituteurs délégués à l'Exposition Universelle de 1878**. Paris: Librairie Ch. Delagrave. 1987.

COUTO, Jorge. **A construção do Brasil: ameríndios, portugueses e africanos, do início do povoamento a finais de Quinhentos**. Lisboa, Edições Cosmos, 1998.

FERNANDES, Florestan. “A educação em uma sociedade tribal”. In: PEREIRA, Luiz e FORACHI, Marialice. **Educação e sociedade: leituras de Sociologia da Educação**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1964.

GARCIA, José Gustavo Sampaio. **A couraça como currículo-oculto: um estudo da relação entre a rotina escolar e o funcionamento encouraçado**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. “A corporeidade do movimento: por uma análise existencial das práticas corporais”. In: HERMIDA, Jorge Fernando; ZOBOLI, Fábio (Orgs.). **Corporeidade e educação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

KUHLMANN Jr., Moisés. “A Educação Infantil nos Séculos XIX e XX”. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M.H.C. (orgs.). **Histórias e memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MATURANA, Humberto e REZEPKA, Sima Nisis. **Formação humana e capacitação**. 4ª .Ed. Tad. Jaime A. Clasen. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis -RJ. Ed. Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

ROUSSEAU, Jean- Jacques. **Emílio ou da Educação**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difel, 1968.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SCHLBAUER. Anaete Regina. “Método intuitivo e lições de coisas: saberes em curso nas conferências pedagógicas do Séc. XIX”. In: José Claudinei Lombardi; Dermeval Saviani; Maria Isabel Moura Nascimento (Org.). **Navegando pela história da educação brasileira**. Campinas: Gráfica FE: HISTEDBR, 2006.

TORRADO, António. **Da escola sem sentido, à Escola dos Sentidos**. Lisboa, Editorial Caminho, SA, 2002.

VEIGA, Cynthia G. **História da Educação**. 1. ed. São Paulo, Ática, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.